

NOTAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO NA OBRA DE VERGÍLIO:
DO COSMOS ARISTOTÉLICO AO *MUNDUS VERGILII*

Roberto Moreira Xavier de Araújo

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Rua Dr. Xavier Sigaud 150
22290-180, Rio de Janeiro, Brasil

Dedicado à memória de meu pai, que me ensinou que a Ciência é parte da Cultura e nela, e só nela, se completa e adquire significado.

RESUMO

Mostra-se, neste ensaio, que está implícita na concepção de espaço de Vergílio uma Filosofia da Natureza e do Homem, construída sobre idéias aristotélicas: Cosmos e causas finais. O *Mundus Vergilii*, entretanto, articulado à Pax Romana, distingue-se do Cosmos aristotélico por pressupor uma Terra plana.

Palavras-chave: Espaço, Cosmos, Causa Final, Poética, Pax Romana, Vergílio, Aristóteles.

“A Geografia não apenas contém uma filosofia, como toda ciência digna desse nome, mas ela é quase, em si mesma, uma filosofia do mundo do homem.”

Camille Vallaux

I- INTRODUÇÃO

A epígrafe deste trabalho inspira e anuncia o seu desenrolar. Sim: a Geografia, enquanto concepção de espaço, pode revelar uma Filosofia. Trata-se aqui de descobrir as implicações filosóficas da concepção de espaço implícita na obra de Vergílio.

O fio condutor do nosso raciocínio é muito simples: Geografia → espaço → concepção de mundo → Filosofia.

O primeiro passo, a descoberta da Geografia de Vergílio, já foi dado: está contido na versão preliminar da tese de doutorado de João Vicente Ganzarolli de Oliveira, *O Desenho do Mundo no Hemisfério da Literatura Antiga — Vergílio*. Nela se demonstra que Vergílio concebe uma terra plana, circular, cujo centro é ocupado por Roma.

Este ensaio apresenta a transcrição de uma fita enviada a João Vicente, no começo de julho de 1996, comentando aquele texto. Procuramos eliminar, sem muito sucesso, certas características da língua falada informal — o excesso de repetições e os anacolutos —, mas não introduzimos novos argumentos.

O texto, assim produzido, conserva o caráter sinuoso de uma fala construída como um passeio: em certos momentos, torna-se espesso, hermético; em outros, envereda por caminhos que se perdem como labirintos em um bosque, *Holzwege*, e com ele nos perdemos. Mas perder-se em uma cidade, como quem se perde em uma floresta, guia o devaneio do caminhante solitário. Talvez por isso, pouco a pouco emerge o ponto fundamental deste ensaio: o espaço na obra de Vergílio é, na verdade, o elemento articulador de uma concepção de Mundo, o Cosmos vergiliano (*Mundus Vergilii*), que se aproxima do Cosmos aristotélico, dele se distinguindo, entretanto, por incluir uma Terra plana. Aqui parece que o Mantuano tocou o anacronismo: em sua época já se sabia que a Terra é esférica.

Por que, então, Vergílio imaginou um espaço terrestre plano? Haveria algum vínculo entre esta concepção de espaço e a Poética Vergiliana?

Sabe-se que em muitos aspectos, Vergílio tomou como ponto de partida a obra de Homero. É, portanto, por aí que vamos iniciar a nossa fala.

II. A ILÍADA E A ENEIDA

Antes de mais nada, comparemos a concepção de espaço de Vergílio na Eneida com a de Homero na Ilíada.

A Ilíada gira, como é sabido, em torno do episódio da cólera de Aquiles, durante o cerco de Tróia, e suas conseqüências. Implícita nesta história, há de certa forma a construção de um espaço que se poderia chamar de *centrífugo*: ainda que a ação ocorra em Tróia, o centro poético e simbólico da narrativa é a Grécia — a fonte da Cultura —, a terra de origem daqueles heróis que ao partir voltam-se para a Ásia e combatem até a vitória. Mas este caráter centrífugo não esgota a concepção de espaço de Homero, uma vez que, na Odisséia, o autor narra a volta de Ulisses para Ítaca. Deixemos, por ora, este problema; a ele, entretanto, voltaremos. Agora devemos continuar analisando a Ilíada para frisar que a expedição dos gregos, rumo a Tróia, não partiu de um único ponto: podemos chamá-la policêntrica.

Já o que ocorre na Eneida é totalmente diferente. Enéias sai de Tróia, dirige-se à Itália, para dar início a um processo que culmina com a fundação de Roma. Estamos diante de um mito sobre a origem de Roma: a narrativa de uma viagem *centrípeta*, um discurso apoiado sobre um espaço em que certas direções são privilegiadas. Todas as peripécias pelas quais Enéias passa na sua viagem são, no fundo, indispensáveis, talvez até para a purificação do herói, e se articulam de um modo tal que conduzem, necessariamente, a esse fim: Roma. É interessante notar o vínculo estreito que este fato tem com a concepção aristotélica de causalidade: a fundação de Roma pode ser interpretada como a causa final da narrativa da viagem de Enéias. Tudo — desde a sua saída de Tróia — parece se articular em torno deste idéia. É este fato que organiza a arquitetura da Eneida dando-lhe corpo e alma. Vemos aqui o primeiro fio de ligação com a Poética.

Poder-se-ia apresentar, contra o que se diz acima, o argumento de que, na Odisséia, Homero apresenta uma história, de certa forma, centrípeta: o retorno de Ulisses a Ítaca. Entretanto, cabe notar que, também neste caso, há uma grande diferença entre as concepções espaço-temporais de Homero e as de Vergílio. A Eneida, como se sabe, é um mito de fundação de Roma, ou melhor, da origem da *verdadeira história*, aquela que legitima a dinastia de Augusto. A viagem de Ulisses, por sua vez, é simplesmente uma história de retorno a uma situação anterior; não é, de modo algum, o mito fundador da polis grega.

Outro ponto essencial para se entender o conceito de espaço em Vergílio, parte de uma menção feita, no livro em homenagem a Roger Dion (R. Chevallier (ed.), *Littérature gréco-romaine et géographie historique — Mélanges Offersts a Roger Dion*, Paris, A. & J. Picard, 1974) ao papel da "cidade de Latinus". Vergílio não nos dá detalhes sobre a sua localização precisa. Isto tem um motivo: bem definida, identificada com alguma cidade realmente existente, a "cidade de Latinus" ganharia um destaque e uma evidência que só pode e só deve ser reservada a Roma.

Visto deste modo, pode-se entender, em linhas gerais, a organização macroscópica, o plano, a própria topologia espaço-temporal da Eneida, isto é, a extensão e a ordem dos episódios e a maneira pela qual os acontecimentos se sucedem e se

encadeiam nessa grande viagem. Tudo é organizado de tal modo que conduza inevitavelmente e prepare a fundação futura de Roma.

III. MAR E TERRA

Outra questão que ilumina o conceito vergiliano de espaço também nasce de uma nota encontrada na homenagem a Roger Dion: os romanos faziam suas conquistas por meio de tropas que se deslocavam por terra, não sendo a arte da navegação muito desenvolvida naquele tempo. Ora, a navegação em mar aberto era muito difícil para o estágio de tecnologia naval da época. Por outro lado, Vergílio era um homem do campo.

Há aí um paradoxo: Vergílio, de origem camponesa, vai construir sua narrativa em torno do mar, pelo menos na Eneida. Isso parece ser particularmente difícil para ele, porque sua experiência vital (que se traduz particularmente nas Bucólicas e nas Geórgicas) é a de um homem do campo. Na Eneida, ele trabalha com o Mediterrâneo, com grandes espaços, com o (futuro) Império Romano como um todo, com as relações entre a periferia do Império e o seu centro. Em outras palavras, Tróia que — no momento em que ele escreve, na era de Augusto — pertence à periferia do Império, foi na verdade a origem mítica de Roma, o lugar onde o Império se originou; em linguagem que recentemente voltou à moda: a origem do centro se encontra na periferia. Isto garante, uma espécie de unidade mítica ao Império como um todo. Esse fato é, politicamente, muito importante e transcende de longe à questão de se estar no mar ou em terra. Na verdade, revela uma espécie de visão geopolítica, digamos assim, abusando um pouco da palavra, da Magna Roma.

IV. ESPAÇO GLOBAL VERSUS ESPAÇO LOCAL

Naturalmente é claro que há, no momento em que o Império está estabilizado, uma irradiação do centro para a periferia, mas a Cultura veio originalmente da periferia para o centro.

Analogamente, os vínculos entre Roma e as regiões circunvizinhas — o campo que a cerca, as cidadezinhas satélites, e o território italiano propriamente dito —, criam relações semelhantes às que existem entre o Império como um todo e a cidade de Roma. Vimos, ao cotejar a Ilíada com a Eneida, qual a concepção vergiliana dos grandes espaços. É preciso examinar outras obras de Vergílio — as Geórgicas e as Bucólicas —, para compreender como ele imagina o espaço em pequena escala, o espaço local, do detalhe; o espaço da pequena vila, o espaço da cultura camponesa; da relação do homem com a terra e com a natureza; das imagens que constituem os mitos fundadores essenciais da idéia de Roma (e que são essenciais porque Roma no fundo foi uma potência terrestre e não uma potência marítima). Encontramos esses mitos nas Geórgicas, como mostra Schama em *Paisagem e Memória*. Conclui-

se que há dois momentos na construção do Mundo de Vergílio: um é o da Eneida, em que o espaço abrange o Mediterrâneo mas se rege por uma dinâmica voltada para o centro, para Roma: um espaço nitidamente centrípeto. Ao lado disso, insinua-se outra concepção de espaço, em menor escala, quando Vergílio trata de questões locais, principalmente nas Geórgicas e nas Bucólicas, mas também *en passant* na Eneida, por exemplo, durante a caminhada que Enéias faz depois que desembarca na Itália.

O importante é perceber que parece haver uma analogia entre, por um lado, as relações do campo com as cidades e, por outro, as existentes entre as províncias periféricas do Império e Roma. Há, aqui, uma espécie de relação de homotetia: a parte espelha o todo.

É claro que não se limita a isto a análise do problema do espaço, do desenho do Mundo na obra de Vergílio. Obviamente a parte que mais se aproxima de Homero é a que diz respeito ao mar, pois na Magna Grécia a civilização se desenvolveu com o comércio naval. Ora, navegar no mar Egeu, onde há numerosas ilhotas próximas, é muito diferente de navegar em mar aberto, na região ao sul da Itália. Passar, por exemplo, pelo estreito de Messina, entre a Sicília e o continente, é muito difícil, muito perigoso, e é por isto, aliás, que Enéias prefere dar a volta pela Sicília. Este ponto é analisado no livro em homenagem a Roger Dion.

V. A CONCEPÇÃO DE ESPAÇO E A POÉTICA

Passemos a um comentário mais importante, que trata do vínculo entre o que foi discutido até agora e a Poética.

Pelo que vimos até o momento, já se pode concluir que a organização do espaço vergiliano tem raízes aristotélicas. Primeiro, porque é um espaço hierárquico, estruturado em torno de um centro. Segundo, porque, sendo a Terra circular, tem uma forma que se insere naturalmente naquela ordem cósmica, regida por uma causa final. Neste Universo tudo tende para o centro, ou seja, para Roma; é isso que permite a inserção desse mundo em um esquema aristotélico, em um Cosmos. Note-se que uma geografia bidimensional oferece a única maneira de situar o centro do Cosmos na própria superfície da Terra. Aliás, essa solução também aparece na geografia medieval, que coloca Jerusalém no centro de uma Terra plana (ver a esse respeito o livro de Randles — *Da Terra Plana ao Globo Terrestre*). Aqui se vê o vínculo entre a concepção de espaço de Vergílio e a sua Poética: o conceito de espaço é regido pela idéia de Cosmos, que nos permite chegar à causa final da Eneida, isto é, a fundação de Roma e a glória de Augusto. Ora, a idéia aristotélica de Cosmos abrange a Estética: isso pode justificar o uso da Poética de Aristóteles no estudo da obra de Vergílio. Em outras palavras, a análise poética propriamente dita deve ser baseada em Aristóteles, porque o Mundo de Vergílio é um Cosmos, um espaço aristotelicamente organizado. Ora, o ordenamento deste espaço, deste Cosmos, não é meramente filosófico: trata-se de um espaço poético que apresenta certas características do espaço de Homero.

Em resumo: por trás da obra de Vergílio, está Aristoteles, porque é o conceito de Cosmos que organiza simultaneamente sua concepção de espaço e sua poesia.

VI. O TEMPO

Cabe lembrar que a obra de Homero não nos apresenta um mito sobre o nascimento da civilização grega, enquanto que a obra de Vergílio é basicamente um mito da origem de Roma e da estirpe de Augusto. Portanto, os conceitos de tempo implícitos nas duas obras não são exatamente os mesmos.

Entretanto, esta questão do tempo, apesar de não ser o centro deste ensaio, não pode ser totalmente desprezada, porque narrar poeticamente significa organizar o tempo. A ordem dos episódios, o modo pelo qual estes se articulam entre si, os momentos trágicos, os momentos de luta, os momentos de alegria, em uma palavra, a pulsação do poema se dá no tempo. Não se trata de comparar, de maneira detalhada, o tempo nos dois autores, mas simplesmente de perceber que as diferenças estão ligadas ao fato de que a organização do mundo em Vergílio é muito mais claramente um Cosmos. O *Mundus Vergilii* é, e só poderia ser por razões políticas, um Cosmos porque é um mundo pacificado, é o reino da Pax Romana.

VII. A PAX ROMANA

Vergílio escreve no momento do auge do Império, em que mais claramente se exerce a hegemonia e o predomínio de Roma, e é preciso eternizar esta estabilidade, é preciso mostrar que tudo contribui e converge para este fim. Não só a narrativa da origem de Roma, mas toda a história até a época em que Vergílio vive, é a evolução grandiosa deste Império que se imagina eterno; é a história da glória de Augusto e de Roma.

Esta idéia, sobre a qual se ergue a obra de Vergílio, constitui um terreno muito diferente do solo subjacente à obra de Homero, que trata mais da questão dos heróis gregos, dos heróis individuais, daqueles que optam por uma vida breve e heróica, em contraste com uma vida longa e apagada.

Essa questão do tempo tangencia o tema deste ensaio, porque esta maneira de estruturar temporalmente a narrativa está ligada à concepção de espaço de Vergílio, ao modo pelo qual ele organiza a Eneida: as peripécias da viagem, os episódios, por exemplo, o da cidade de Latinus no qual a figura de Lavínia é cotejada com a de Helena de Tróia etc., tudo foi muito bem pensado para que o poema conduza à fundação de Roma, destinada, já na época imperial, num movimento, agora sim centrífugo, a recuperar Tróia, a incorporar toda aquela região de onde saíram Enéias e seus companheiros, tornando-a, desse modo, parte do Império — da periferia, é verdade, mas parte do Império. Este mito sugere, cria e reforça a grande unidade do Império e revela as raízes da Pax Romana. É nisso que reside talvez o maior contraste entre a Eneida e a obra de Homero.

No que diz respeito às Geórgicas e às Bucólicas a análise é parecida — não pode ser tão rica, mas é, no fundo, parecida —, porém deve partir da relação entre o campo e a cidade, tal como se apresenta na obra de Vergílio, e do conceito de homotetia.

VIII. VERGÍLIO E A TRADIÇÃO DE TERRA PLANA

Vergílio pelas razões apresentadas, concebia a Terra como plana e circular.

Podemos fazer uma hipótese, que não parece totalmente absurda: considerando o prestígio imenso de Vergílio, logo depois de sua morte e durante a Idade Média, e a repercussão de sua obra em Dante, Camões e Milton, é possível que ele tenha sido responsável, ao menos em parte, pela sobrevivência da concepção de terra plana durante o período medieval. Os geógrafos medievais simplesmente teriam tirado Roma do centro do mundo, colocando Jerusalém em seu lugar, mantendo o oceano como grande rio *etc.*¹

Se isto é verdade, temos uma conclusão interessante, relativa à história da cultura: a idéia de terra plana adotada por Virgílio ecoou nos corações e mentes medievais. Este é um ponto que merece maior reflexão.

IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES

Em resumo, a idéia fundamental aqui apresentada é de que, em Vergílio, a concepção macroscópica de espaço é, no fundo, aristotélica (vinculada à idéia de Cosmos): o espaço geográfico é visto por Vergílio, como um Cosmos dotado de um centro organizador e regido por uma causalidade aristotélica; a causa final da Eneida (e do corpus Vergiliano como um todo) é a fundação e a glória de Roma e a legitimidade da linhagem de Augusto. Reitere-se que, diferentemente do Estagirita, Vergílio concebe a Terra como plana.

É essa idéia de Cosmos que permite entender a arquitetura, a ordem e a organização do poema. Pode-se obter a ponte entre a Geografia e a Poética através do conceito de Cosmos de Aristóteles.

Desse modo, é possível apresentar uma resposta efetiva a um problema de Poética, que é a explicação da estrutura macroscópica da Eneida, a partir dos conceitos de espaço e de ordem, ligados à hegemonia de Roma, à Pax Romana, à estabilidade do Império, digamos, ao fim da história (para usar um conceito hegeliano, recentemente relançado e em moda).

Por outro lado, a arquitetura da Eneida também remete ao Cosmos, porque a obra de arte, quando é concebida, visa a um fim, que é a sua participação no Cosmos. Evidentemente, a Eneida se interrompe nos primórdios de Roma. De qualquer modo,

¹ A propósito, Edward Grant sustenta, segundo Randles, que nenhum autor medieval importante aceitava a idéia de terra plana. Esta tese não é acatada pelo próprio Randles.

há vínculos entre a história de Roma, a Pax Romana e o Universo ordenado no seu estado de perfeição, o Cosmos.

A organização do poema é feita para permitir este fechamento: as dificuldades, as passagens marítimas, a relação entre a parte dedicada ao mar e a parte dedicada à terra, em suma, a arquitetura da Eneida articula aquilo que se poderia chamar de topologia da obra (isto é, a sucessão e o encadeamento dos episódios) com a medida da importância de cada episódio, avaliada por sua maior ou menor extensão.

O conceito de espaço é a base do Cosmos Vergiliano, do *Mundus Virgilii*, no qual tudo se submete à ordem, e tem como causa final a hegemonia de Roma, a glória de César e a Pax Romana.

Estes são alguns dos pontos que merecem ser explorados e desenvolvidos.

AGRADECIMENTOS

As notas aqui contidas foram suscitadas pela leitura da versão preliminar da tese de João Vicente Ganzarolli de Oliveira. A ele sou grato por esta generosa provocação intelectual. Para editar o texto, contei como sempre com a ajuda fraternal de meu amigo Francisco Caruso, a quem agradeço.